

“Bom dia! Agora são 6:30 e a manhã está linda com céu aberto aqui em Nova York e agora...”- como toda a manhã o rádio relógio é interrompido por um gesto quase mecânico de Flávia, que curte mais cinco minutos de preguiça antes de se levantar da cama para ir ao trabalho. Flávia Rodrigues, 31, brasileira. Em 1999 fez intercâmbio para os Estados Unidos onde hoje trabalha como corretora de balança comercial em Manhattan.

Ela se levanta e caminha até o banheiro de seu pequeno apartamento e tem três horas e meia para se arrumar, tomar café e enfrentar dois metrô. O segundo desembarca no subsolo do edifício onde trabalha.

“Alô, filha? Oi meu amor, quanto tempo, você não me liga mais, está tudo bem?” Era Sarah, mãe de Flávia, que não fala com a filha há semanas devido ao corre-corre do trabalho. “Oi mãe! Nossa me desculpa, mas, eu não posso conversar agora, senão eu irei perder o metrô 421 e você sabe que eu gosto de chegar mais cedo.” Fala às pressas pelo telefone sem fio preso entre os ombros e a orelha, enquanto prepara o café. “Filha estou te ligando para dizer que sua irmã esta grávida”. A notícia faz Flávia derrubar a cafeteira “Mãe, isso não é hora, mas, que bom, à noite eu ligo, beijos”. Tenta limpar a sujeira, troca a roupa manchada, mas desiste do café e corre para o metrô que fica a duas quadras do seu apartamento. São 7:45 e o primeiro trem parte às 8:20, ele irá chegar na próxima estação do trem subterrâneo às 9:00 e segundo metrô, que irá deixa - lá no subsolo do edifício do seu trabalho, parte às 9:10. Se a corretora perder o segundo metrô para não chegar atrasada, ela pode pegar o trem da superfície, que lhe deixa próximo ao seu trabalho.

“Hello, me desculpe, o trem 421 já partiu?” ainda ofegante por ter percorrido duas quadras de Nova York. “ Yes, acabou de partir”. Não havia o que fazer a não ser esperar o próximo trem e pegar o metrô da superfície ao chegar na estação central. O metrô chega, Flávia entra, fica próxima da porta para sair correndo. Não pára de olhar para o relógio e balança a perna freneticamente como se descarregasse a tensão do atraso. Na estação central, o metrô das 9:10 também já havia partido. Ela corre para o trem da superfície, consegue embarcar.

Deste trem Flávia consegue ver toda a cidade pela janela, pessoas que andam juntas e não se falam, o trânsito congestionado e uma fresta de céu que insiste em aparecer entre os edifícios. Faltavam 15 minutos para as dez da manhã. Da estação é possível ver as duas torres do World Trade Center. Ela trabalha na segunda torre, no 89º andar. Ao desembarcar, a corretora não pensa duas vezes e, com a pasta entre os braços, corre rumo ao arranha-céu.

“Horror em Nova York! Há aproximadamente cinco minutos um boing da América Air Lines colidiu com uma das Torres do World Trade Center, não se sabe ao certo as causas do acidente. Voltamos em breve com mais notícias” - anuncia o plantão da Emissora Globo aqui no Brasil mostrando imagem que a CNN divulgava para todo o mundo. Os noticiários não eram precisos, ninguém sabia o que estava acontecendo, o mundo todo parou. Famílias inteiras aqui no Brasil se reuniam e juntos, buscavam unir forças, oravam, choravam, estavam perplexos. “Nãooo! não é possível, ai que horror meu Deus ...que horror!” gritava a mãe de Flávia após alguns segundos paralisada com a notícia. Ainda trêmula tentava discar os números do celular de Flávia, o nervosismo não permitia. “Mãe! Calma, o que foi?” Era a irmã da imigrante

tentando controlar a mãe que não parava de chorar apertando os números do telefone sem êxito algum.

A mãe chorava muito, sabia que as chances da filha estar no prédio eram grandes, Flávia era extremamente rigorosa com horários. É a primeira filha de Sarah, ajudou os pais a cuidarem da irmã mais nova para a mãe trabalhar; na escola era comprometida, chegava sempre adiantada com as tarefas prontas. Vendo as imagens do acidente pela TV, a narrativa do repórter sumiu, a mãe estava em transe, lembrava das vezes que pode visitar a filha e não foi para economizar ou para ajudar no comércio do marido. O coração de Sarah Amargava a angústia de não abraçar, tocar e sentir o cheiro da filha há muitos anos.

Em Manhattan, as ruas transformaram-se em um filme de Hollywood, parecia o fim do mundo, fulgens caíam do céu como a neve do inverno americano. Ao olhar para o prédio em chamas via-se objetos caindo das janelas. O edifício, embora abalado, não estava torto, não havia motivo aparente para cair objetos tão grandes. Em um segundo olhar, via-se que não eram objetos; eram pessoas se jogando, desesperadas com o fogo.

Flávia não entendia o que estava acontecendo, não sabia como, nem porque estava sentada em uma mesa do Jungle Bar. Paralisada, via o edifício desabar pouco depois do segundo avião bater na torre onde trabalhava. A mente se distanciou e Flávia não tinha forças ou consciência para se levantar. Hipnotizada pela tragédia, a corretora retorna do transe pelo toque insistente do celular. “Filha !?! É você?! Meu Deus !!!Que benção!” Sarah comemorava ao ouvir a voz da filha. “Mãe, eu estou aqui. Pela primeira vez e, graças a você, hoje eu me atrasei para o trabalho. Obrigada por me ligar hoje cedo!, Obrigada...” - agradecia Flávia em prantos.

Embora os nomes sejam fictícios, a história é baseada em um fato real.